

JORNAL: Estado de Minas LOCAL: Minas Gerais

DATA: 18 / 01 / 1964 AUTOR: Frederico Moraes

TÍTULO: Revisão de Tarsila

ASSUNTO: Ivan analisa Portinari - Di Cavalcanti e Tarsila



Tarsila do Amaral: "2.ª classe".

ARTE

REVISÃO DE TARSILA

Frederico MORAIS

O pintor Ivan Serpa, em entrevista que concedeu a um jornal carioca, como que a justificar sua nova fase figurativa (e a cada fase nova Ivan concede entrevista deitando falação sobre a crítica, os "nouveaux", mercadores de arte, artistas, etc.), diz muita coisa certa sobre a arte brasileira. Afirma, por exemplo, que "Di Cavalcanti representa bem a arte brasileira, apesar do resíduo europeu facilmente reconhecível em sua pintura. E' todavia, mais autêntico que Portinari. Este tem, sem dúvida, algumas obras im-

portantes, mas o fato, em verdade, é que teve mais oportunidade que os demais". Disse, também, que os "artistas brasileiros deveriam ter partido da obra de Tarsila do Amaral, ao invés de voltar à Europa".

A opinião de Ivan Serpa vem coincidir com o que, de tempos em tempos, tenho afirmado nesta coluna. Há exatamente um ano comentava a exposição que Di Cavalcanti realizou no Museu de Arte de Belo Horizonte, concluindo uma série de três artigos com esta observação: "Di Cavalcanti não é apenas um dos precursores da arte moderna no Brasil. E' ele o responsável pela permanência de uma pintura nacional, autêntica, livre de modismos e de complexos de inferioridade".

Um dos poucos impactos que tive ao visitar a VII Bienal de Arte de São Paulo, encerrada em dezembro, foi a sala de Tarsila do Amaral, no setor brasileiro. Diante, por exemplo, da babozeira da pintura de Wega Nery ou do desenho de Anatol Wladislaw, ambos contemplados, por força de um regulamento autêntico, com salas especiais, é inevitável que a gente se empolgue com a pintura autenticamente brasileira de Tarsila do Amaral, de Di Cavalcanti e até mesmo em o pioneirismo de Anita Malfatti ou com o experimentalismo de Flavio de Carvalho. A emoção que nos proporciona obras como "Segunda Classe", ou "Operários", as suas visões das Favelas, Subúrbio, Carnaval ou ainda "Aba-Portu" (Antropofagia), impõe-nos a necessidade de uma revisão da

obra de Tarsila. "Segunda Classe", de 1933, é, inegavelmente, o maior instante da pintura social no Brasil, e poucos pintores brasileiros conseguiram atingir às qualidades especificamente pictóricas um tema social e humano tão pungente, de tal maneira que o tratamento da cor, por exemplo, correspondesse a uma necessidade íntima do quadro como produto estético, mas, também, revelasse na sua falta de brilho, na sua palidez, na sua secura, a própria ideia da miséria e sub-nutrição daquele brasileiro de segunda classe. E poder-se-ia dizer o mesmo do enquadramento, da deformação das figuras etc..

A contribuição de Tarsila do Amaral não teve um sentido apenas literário, como procuram afirmar alguns historiadores e críticos, mas nitidamente pictórica. Nem por isso, deixou Tarsila do Amaral de ser, com sua pintura, uma das motivações mais fortes do movimento que Oswald de Andrade viria denominar de "Pau Brasil" e, depois, "Antropofagia". Sérgio Milliet, na sua monografia sobre Tarsila constata este fenômeno curioso: o da pintura influindo na literatura. Esta nacionalização de sua pintura, esta interiorização da cor e dos temas, começou na época que o grupo modernista de 22 partiu para o interior do Brasil e vindo para as cidades históricas de Minas. "... encontrei em Minas — conta Tarsila — as cores que adorava em criança. Ensinaram-me depois que eram feias e captras. Segui o ramerrão do gosto apurado... mas vingui-me da opressão passando-as para as minhas telas; azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, tudo em gradações mais ou menos fortes conforme a mistura do branco". "Nas cores puras — afirma Milliet sobre Tarsila — nas linhas simples, na captação sintética de uma realidade nacional, sentimental e ingenua, de que se haviam envergonhado antes os artistas de nosso país, estavam os meios de expressão regionalista de Tarsila".

E' preciso rever urgentemente o significado e importância da pintura de Tarsila do Amaral, dar-lhe o lugar de destaque que ela merece dentro da arte brasileira, no passado como hoje. Pois Tarsila continua pintando com a mesma simplicidade, com a mesma autenticidade de antes. Entre sua "Paisagem II", de 1963, e muitos dos seus quadros de 1924 e 25, não há nenhuma modificação fundamental. E' o mesmo compromisso com a terra, com a paisagem brasileira, com as fontes mais autênticas de nossa cultura.